

Ano IV - no 29
29 de Março 2010

folhaliterária

ESPECIAL

Foto: Acervo Biblioteca Pública do Estado da Bahia / FPC

SALVADOR 461 Anos



HINO DE SALVADOR

Baía de Todos os Santos: A maior baía do Brasil levou este nome em 1 de novembro de 1501, Dia de Todos os Santos, durante uma expedição de Gaspar de Lemos acompanhado por Américo Vespúcio. A baía abrigou, no século XVI, o maior porto do Hemisfério Sul, onde eram comercializados diversos produtos e no século seguintes se tornou um dos maiores portos de escravistas do mundo. Aos seus pés nasceu a primeira capital do Brasil, com a chegada em 1549 do primeiro Governador-geral do Brasil, Tomé de Souza.

Letra e música: Oswaldo José Leal

Salvador teu céu famoso
De brilhantes cor de anil
Relembra no Dois de Julho
A libertação do Brasil...
Erigida bem no alto,
És da Pátria o seu altar
Em tuas formosas praias,
Beija a areia o verde mar
Cidade de tanta glória
Povo nas lutas, viril,
Salvador, tua história,
É a mesma do Brasil...
Em tudo tens muito encanto,
És um presépio, um jardim,
Tens igrejas, tens ladeiras,
Terra do Senhor do Bonfim...
Retratas bem o passado
Em Pirajá e Pedrões

O progresso não impede
O teu culto às tradições
Cidade de tanta glória
Povo nas lutas, viril,
Salvador, tua história,
É a mesma do Brasil...
O teu nome é um símbolo
De prestígio e de amor,
O teu povo é culto e nobre
Ó cidade do Salvador...
Tens poesia e nobreza,
Tua vida é um esplendor...
Em toda parte beleza,
Ninguém te iguala em valor...
Cidade de tanta glória
Povo nas lutas, viril,
Salvador, tua história,
É a mesma do Brasil...

Regimento trazido por Thomé de Souza, primeiro Governador geral do Brasil

Eu El-rey faço saber a vós Thomé de Souza fidalgo de minha casa, que, vendo eu quanto serviço de Deus e meo é conservar e enobrecer as capitânicas e povoações das terras do Brasil... ordenei ora mandar nas ditas terras fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um logar conveniente para dahi se dar favor e ajuda as outras povoações e se ministrar justiça e prover nas cousas que competirem a meu serviço e aos negocios de minha fazenda e a bem das partes; e por ser informado que a Bahia de Todos os Santos é o logar mais coveniente da costa do Brazil para se poder fazer a dita povoação e assento, assim, pela disposição do ponto e rios que nella entrão, como pela bondade e abundancia e a saude da terra e dos outros respeitos...

Amaral, Braz do. Memórias Históricas e políticas da Província da Bahia. Salvador: Imprensa oficial do Estado 1919. v 1.

SOBRE O HINO A CIDADE DO SALVADOR

Oswaldo José Leal foi o vencedor do concurso para escolha do Hino da Cidade, instituído pela Lei Municipal 1585 de 13/03/1964. Seu hino, com letra e música, foi oficializado pelo Decreto 2658 de 23/04/1965.

Artigo

"A gênese do ser baiano", Prof. Ubiratan Castro fala sobre a cidade de Salvador.

Pág. 2



Conto

Confira o conto de Ítalo Calvino, intitulado "As cidades e o céu 3".

Pág. 3

Salvador

Conheça os símbolos que representam a cidade, como o selo e bandeira.

Pág. 4

editorial Prof. Ubiratan Castro

O aniversário da cidade do Salvador é o tema desta edição da Folha Literária. Comemorado aqui com muitas Letras. Em *A gênese de ser baiano*, o professor Ubiratan Castro de Araujo versa sobre a identidade do ser desta cidade que não está limitada à ideia de territorialidade municipal e faz do baiano de Salvador um cosmopolita, resultado de um processo histórico-cultural que, a despeito da negativa dos racistas, é fruto da Oropa, da África e da Bahia. Votos de felicidades mais belos não poderia receber a cidade, que aqueles expressos em *Sesmaria* de Mirian Fraga, contemplativo desde a janela até o horizonte e mesmo sendo ela já antiga, continua portadora de segredos de vidas e de mortes. Comemorativo também é o conto de Ítalo Calvino *As cidades e o céu 3*, um explícito convite para pensar os destinos da cidade aniversariante em meio a tantas construções. As múltiplas formas de Salvador são apresentadas por Sérgio Rivero em *A cidade Reinventada*, que nos indaga sobre as muitas faces deste território gravado cotidianamente na memória coletiva, por meio das múltiplas faces de suas edificações. Em meio às felicitações à cidade está presente um trecho do regimento que Thomé de Souza recebeu do Rei de Portugal em 1548.

expediente

A **Folha Literária** é um informativo produzido pela Assessoria de Comunicação e pelo Núcleo Livro, Leitura e Literatura da Fundação Pedro Calmon / Secretaria de Cultura, em parceria com a Empresa Gráfica da Bahia (Egba).

Diretor Geral (FPC) Ubiratan Castro Araújo
Diretor Geral (Egba) Luiz Gonzaga Fraga de Andrade

Coordenação editorial Lúcia Santori, Mayrant Gallo, Graça Câmara e Jorge Lavigne (NLLL)

Jornalista Responsável André Santana *DRT BA* 2226

Arte e Diagramação Lucas Queiroz

Projeto Gráfico P55 Design / www.p55.com.br



Para críticas e sugestões, entre em contato conosco pelos telefones: (71) 3116-6918/6919/6676, por fax: (71)3116-6660 ou por email: ascom.fpc@fpc.ba.gov.br.

Acompanhe também as demais programações da Fundação Pedro Calmon pelo site www.fpc.ba.gov.br

A gênese do ser baiano

Ubiratan Castro de Araújo - Diretor da Fundação Pedro Calmon

O rei D. João III, em dezembro de 1548, editou o regulamento pelo qual criava um governo-geral do Brasil na Bahia de Todos os Santos. Ainda em Portugal, constituiu-se a pólis – a cidade política. Nomeado Tomé de Souza governador-geral, com ele foi embarcada a alta administração. Desembarcados com salários e funções já especificados, a missão deles era a construção da urbis – a cidade física. Esta pólis advéncia trazia consigo um sistema de hierarquias baseado na origem, na cor e no trabalho.

Na cidade colonial, a desigualdade organizava a diversidade. A variedade étnica, linguística, cultural foi a marca da sua demos. Hoje, olhando 50 anos para trás, de volta para a minha infância, vejo que uma Cidade do Salvador da Bahia de 500 mil habitantes gerou uma cidade de três milhões.

Variados fluxos de população imigrante realimentaram, permanentemente, a diversidade da nossa demos. As centenas de milhares de africanos aqui se reproduziram. Muitos vieram e continuam a vir do exterior: portugueses, galegos, sírios, alemães, argentinos.

Até a Grécia nos brindou com a historiadora Kátia Mattoso e com o nosso querido Dimitri, guru do Pelourinho. Por que esta cidade não se transformou em uma babel cultural? Por que não há fraturas entre “filhos de Salvador” e “aparecidos”? Por que a cultura dos descendentes de africanos, apesar da antiga escravidão, escapou dos guetos para ser a cara da cidade?

Longe de mim as pretensões explicativas. Afinal não tenho o condão antropológico do meu amigo Roberto Albergaria. Constato apenas a permanência de características estruturantes deste povo, que são a diversidade e a desigualdade. Constato a força da identidade que permite e potencializa o convívio social: ser baiano.

Alguns mais pernósticos dizem que somos soteropolitanos, filhos de Soterópolis, a cidade de Sotero, o salvador em grego. Vige

Maria! Trocaram o nome da Bahia e não me avisaram. Somos todos baianos. Nossa identidade nunca foi resultante de uma territorialidade municipal, a urbis e sim pela pólis, historicamente formada e reformada por gentes vindas de variados interiores e exteriores, que aqui se tornam baianos. Cabe aqui uma outra palavra de origem grega, cosmópolis, uma cidade universal.

Termino por acreditar que ser baiano de Salvador é uma forma de ser cosmopolita. Os modernistas de São Paulo nos imputaram, jocosamente, o epíteto: Óropa, França e Bahia. Rebelo-me apenas contra a miopia cultural daqueles senhores, sequela do racismo, que não perceberam que o certo é: Óropa, África e Bahia. Busco uma metáfora que visualize este processo histórico-cultural que permitiu ao povo desta cidade gerir sua própria diversidade e reproduzir um tipo de cultura cosmopolita. Sisudos e complicados intelectuais falam de antropofagia cultural. Esta cidade seria capaz de devorar toda a diversidade.

Mais uma vez me rebelo. Não serve para esta cidade a imagem macunaímica do Gigante, que faz uma feijoada com corpos humanos e tudo devora juntamente com suas monstruosas Filhinas e Filhona! Este roteiro digestivo nos leva à flatulência e aos defetos. Isto não é Bahia. Prefiro outra metáfora, cantada pelo Rapaz do Subaé: *Luz do sol, que a folha traga e traduz, em verde novo, em força, em vida, em graça e luz*. Isto sim, é limpo e poético. Esta imagem me seduz, fotossíntese cultural. Este seria um processo pelo qual o povo desta cidade aprendeu a abrigar a diversidade cultural e reproduzir mais oxigênio, mais diversidade.

Todos aqueles que vieram, os que virão, serão tragados e traduzidos. Ninguém passa impunemente pela Bahia sem sorver esta seiva. Afinal, não há quem resista a dois carnavais em Salvador sem virar baiano. Isto é mais do que antropologia, é magia. E, pela fotossíntese cultural, reprocessaremos a persistente desigualdade.

estante

O poeta **Ruy Espinheira Filho** lança, no **dia 10 de abril**, a partir das **10h**, na **Livraria LDM** (Piedade), o livro de poemas *Sob o Céu de Samarcanda*, pela Editora Bertrand. Na obra, o autor apresenta poemas com temas diversos, sobre solidão, memória, dor, anjos, poesia, velhice, morte e amor. Ruy Espinheira Filho já publicou diversos livros em prosa, dentre eles, *O Fantasma da Delegacia* (1988) e o ensaio *O Nordeste e o Negro na Poesia de Jorge de Lima* (1990).



Foto: Divulgação

Conto

AS CIDADES E O CÉU 3

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas, das pontes de madeira suspensas por cabos ou apoiadas em cavaletes, das escadas de corda, dos fardos de juta. À pergunta: Por que a construção de Tecla prolonga-se por tanto tempo?, os habitantes, sem deixar de içar baldes, de baixar cabos de ferro, de mover longos pincéis para cima e para baixo, respondem:

– Para que não comece a destruição. – E, questionados se temem que após a retirada dos andaimes a cidade comece a desmoronar e a despedaçar-se, acrescentam rapidamente, sussurrando: – Não só a cidade.

Se, insatisfeito com as respostas, alguém espia através dos cercados, vê guindastes que erguem outros guindastes, armações que revestem outras armações, traves que escoram outras traves.

– Qual é o sentido de tanta construção? – pergunta. – Qual é o objetivo de uma cidade em

construção senão uma cidade? Onde está o plano que vocês seguem, o projeto?

– Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos – respondem.

O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada.

– Eis o projeto – dizem.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



A Politécnica da Bahia e o Relógio de São Pedro, na Avenida 7 de Setembro.



Terreiro de Jesus, ao fundo a Faculdade de Medicina.



Bairro da Barra, ao fundo o Porto da Barra e a Igreja São Antonio da Barra.

Fotos: Acervo Biblioteca Pública do Estado da Bahia / FPC

A CIDADE REINVENTADA

A cidade é território. Mas existe uma outra cidade além da real tecnologia do concreto, tinta acrílica, muito plástico e pouquíssima engenhosidade. As cidades não são apenas o lugar dos acontecimentos históricos. O conceito de história é amplo, passa pelo público e também passa pela privacidade das relações domésticas, tão fundamental para que possamos conhecer melhor o todo coletivo.

Se não é só território, existe quase que, singelamente, uma outra cidade: a cidade análoga, aquela portadora de nossas lembranças individuais e comuns. Um palco de referências com mais ou menos importância para cada um que vive suas histórias, que troca e amplia seu acervo pessoal na vivência de cada dia.

A cidade é, portanto, memória.

Mas podemos ainda defini-la, com maior precisão, destacando dois momentos que tão bem Ítalo Calvino em *As Cidades Invisíveis* soube, ficcional e sensacionalmente, trazer para o bem de nossa realidade. No conto *As cidades e as trocas 4*, as “ligações que orientam a vida” na cidade de Ercília são representadas concretamente por fios que, enredados na trama infinita dos acontecimentos, acabam por impedir a circulação de seus habitantes, levando à

inevitável ruína. Em outro conto de nome *As cidades e o céu 3*, a sobrevivência da espécie humana está atrelada à construção infinda de uma urbanidade cercada por tapumes. Vemos, então, que a cidade é muito mais do que a sua concretude. A cidade é também ideologia.

Assim, caros cidadãos, não basta querer vivenciar intensamente suas histórias nesse palco mutante. Isso não é para qualquer um, não... porque, mais do que nunca, nossa mobilidade está ligada à quantidade de dinheiro que possuímos. Com dinheiro, situação traduzida, pura e simplesmente, pela nossa imagem em trânsito, abrem-se as portas. Vamos aonde queremos. Sem dinheiro, levamos a vida restritos ao que é público, portanto, hoje, lugar desvalorizado e, ainda, vivemos restritos ao que é mais próximo.

Salvador.

É um grande centro e, como todas as outras cidades do planeta, tiramos de dentro de caixas, descobrimos de dentro de caixas, de dentro de caixas e caixinhas, numa ludicidade surpreendente, exemplos da cena contemporânea.

Entre tantos espaços dessa cidade, um merece reflexão... e estudos.

Iguatemi. De um lado um templo religioso: arquitetura neo-clássica erguida com o dízimo alheio, guardado por pastores embecados de

gravata e calça social. Do outro lado, um templo comercial: o shopping-center e sua assepsia traduzida em segurança constante, em temperatura ideal, em estética massiva, em consumo alienante, em prazer fragmentado e labiríntico. Dois universos que exigem fidelidade e atendem ao mesmo fim: manter, preservar, eternizar o que já se conhece... Com isso, ficamos como pequenas cobaias condicionadas, prontos para comer, vestir, ouvir, pensar e, finalmente, emitir o que nos permitirem, até que a próxima estação do ano seja, uma vez mais, reinventada...

Foi consultada a seguinte bibliografia:

As Cidades Invisíveis, de Ítalo Calvino, da Companhia das Letras.

Quatro vezes cidade, de Maria Alice Rezende de Carvalho, da Sette Letras.

O Espaço do Cidadão, de Milton Santos, da Nobel.

Sérgio Cerviño Rivero é professor universitário, dramaturgo, assessor técnico do gabinete da SECULT-BA, mestre em teoria e crítica literária (UFBA) e doutorando em comunicação (UFBA/UNIVERSITY OF WALES - NEWPORT).

Os Símbolos da Cidade de Salvador

ARMAS DA CIDADE

Segundo Gabriel Soares de Sousa, em "Tratado descritivo do Brasil", foi Duarte da Costa que deu as Armas à Cidade do Salvador "uma pomba em campo verde com um rolo à roda branco, letras de ouro que dizem – sic illa ad arcam reversa est – e a pomba tem três folhas de oliva no bico".



SELO DA CIDADE DO SALVADOR

O Selo da Cidade do Salvador é redondo, ornado de uma pomba estendida com um ramo de oliva no bico, orlado da divisa "Sic illa ad Arcam Reversa Est", fechando o todo com um colar de pérolas. O Selo é a marca para timbre dos papéis oficiais da Prefeitura e da Câmara Municipal.



BANDEIRA DA CIDADE DO SALVADOR

Até 1963 o escudo contido nas Armas da Cidade serviu de padrão para o uso do Selo, Brasão e Bandeira, sem nenhum vínculo aos princípios heráldicos. A Cidade do Salvador possuía quatro versões da bandeira municipal. "A utilização da pomba como símbolo da cidade foi inspirada na simbologia religiosa, é uma forma de lembrar a volta da pomba para a arca de Noé"¹ O novo modelo da bandeira foi instituído por um projeto de lei municipal sancionado em 2006. O pavilhão composto por um campo azul e sobreposta a ele uma pomba branca carregando um ramo de oliveira e sob ela uma inscrição em latim: "Sic illa ad arcam reversa est" que quer dizer "Assim ela (a pomba) retornou à arca".

¹Consuelo Ponde em Jornal Correio da Bahia, 02/08/06, pág. 03



Poesia

A cidade

Foi plantada no mar
E entre corais se levanta.
O salitre é seu ar,
Sua coroa, sua trança
De salsugem,
Seu vestido de ametista,
Seu manto de sal
E musgo.

Armada em firme silêncio
Dependura-se dos montes
E tão precário equilíbrio
Se propõe
Que, além de porta ou portada,
De janela ou de horizonte,
O que a sustenta é o mistério,
Triste chão, sombra vazia,
Tempo escorrendo das pedras,
Lacerado nas esquinas,
Tempo — sudário e guia.

Mas que fera (ou animal)
Esta cidade antiga
Com sua densa pupila
Espreitando entre torres,
Seu hálito de concha
A babujar segredos,
Deitada entre meus pés,
Minha cadela e amiga.

Repete esta dureza,
Este arfar entre dentes,
Seu pulmão de basalto
Onde a morte respira.
E nas sombras da tarde
Em sangue no poente,
Abre os olhos sem pálpebras
E dança. Em maresia
E estrelas afogada.

E nesta coreografia,
Sopro de antigas paisagens,
Um calendário se arrasta,
Nas corroídas legendas,
Apodrecidas fachadas,
A mastigar as divisas
E outros símbolos manchados,
Nos brasões onde goteja
O limo do esquecimento.

Não fosse a imaginada
Profecia, face e apelo
Das inscrições lapidares,
Palimpsesto ou astrolábio
Na pedra, na cal, nos muros,
Fendida casca de um mundo
Coagulado em memórias,

Restavam ossos e nomes,
Desassistida batalha
Contra o tempo. E esta cidade,
Com seu signo, seu quadrante
De cristal,
Sua mensagem de calcário,
Desfeita em vaga ou soluço,
Mergulharia no espaço,
Pássaro alado, albergália.

Myriam Fraga

Sesmaria

Edições Macunaíma
Salvador - 2000



Ilustração: Calazans Neto